



EDITORIAL

Por que um “Núcleo de Alfabetização Humanizadora”?

Por Stela Miller

A constituição do Núcleo de **Alfabetização Humanizadora**, interessado em discutir conteúdos e processos de ensino-aprendizagem de linguagem em seu momento inicial de apropriação a que denominamos **Alfabetização**, reflete a preocupação de um grupo de educadores - Dagoberto Buim Arena, Stela Miller, Elianeth Dias Kanthack Hernandez, Adriana Pastorello Buim Arena, Érika Christina Kohle, Sônia de Oliveira Santos, Vanilda Gonçalves de Lima - com a formação das crianças como seres pensantes, que sabem utilizar os conhecimentos adquiridos para compreender o mundo e nele agir de forma ativa e responsável.

A proposta parte da premissa de que a linguagem escrita é um instrumento cultural complexo, que cumpre uma função social como meio de interação entre os sujeitos sociais e de estabelecimento de relações de poder entre eles, e que, por essa razão, supõe o domínio de um conteúdo que não pode ser reduzido ao conhecimento do sistema normativo de representação da língua, nem mesmo nos momentos iniciais do processo de aprendizagem da escrita, pois, com isso, elas teriam uma visão míope do modo como funciona o mundo da escrita e de quais as implicações disso para sua própria vida. Desde o princípio da escolarização da criança, o processo de apropriação da linguagem escrita supõe o conhecimento dos diversos gêneros discursivos, constituídos historicamente nas mais diferentes esferas de interação social, com

suas peculiaridades de organização, cumprindo diferentes finalidades interativas entre os interlocutores, veiculando variados conteúdos e estilos conforme as circunstâncias em que são utilizados.

Um processo de alfabetização que, diferentemente, pretende ensinar as crianças os sons das letras, suas representações gráficas, suas diferentes formas de união para formar palavras soltas, frases pontuais, etc., deixa de mostrar à criança a riqueza e a complexidade que marcam o trabalho com os enunciados que fazem parte do acervo vivo da linguagem escrita.

Por tudo isso, o Núcleo de **Alfabetização Humanizadora** inicia seus trabalhos com o objetivo de ampliar as discussões teóricas e práticas sobre o processo de alfabetização no campo das ciências humanas e constituir um conjunto de conhecimentos, análises e reflexões sobre a temática, que possibilitem uma visão e um posicionamento críticos frente às concepções defendidas nos documentos oficiais e presentes em certas práticas escolares que focalizam a língua como sistema formal de representação da linguagem humana, e o de promover debates teóricos e disseminar práticas para a criação de um movimento composto por professores de diferentes instâncias educacionais, na defesa de uma **Alfabetização Humanizadora**.

ÍNDICE

- 1 Editorial
- 2 **De professor para professor:**
A hora e a vez de as crianças humanizarem-se
- 3 **Eu faço assim:**
Funções do espaço branco entre as palavras na construção dos enunciados escritos no processo de alfabetização
- 4 Mural

DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

A HORA E A VEZ DE AS CRIANÇAS HUMANIZAREM-SE

Por Stela Miller

Mas já não nascemos humanos? Dependemos de nossa trajetória de vida para nos humanizarmos? Como isso se explica?

Ao nascermos, trazemos nosso aparato biológico e, com ele, aquelas funções psicológicas de nível inferior, tais como a memória e a atenção involuntárias, a percepção, etc., necessárias à nossa adaptação ao mundo circundante. O processo humanizador, que nos torna sujeitos histórico-culturais, capazes de superar os limites do corpo biológico, avançando na direção de um ser que cria cultura, transforma seu meio, ao mesmo tempo em que também se transforma, implica a apropriação dos meios externos de desenvolvimento cultural e de desenvolvimento do pensamento, tais como a linguagem (oral e escrita), o desenho, o cálculo matemático, a memória lógica, o pensamento em conceitos, etc., que são nossas funções psicológicas superiores.

Em poucas palavras, humanizamos-nos à medida que nos educamos, tendo em vista a quantidade e a qualidade dos recursos materiais e das relações humanas disponíveis no meio em que esse processo de educação acontece.

O meio exerce, então, função de fonte do nosso desenvolvimento como sujeitos sociais, pois é no meio que estão presentes as condições materiais, objetivas de desenvolvimento de nossas características essencialmente humanas, do desenvolvimento de nossa consciência e personalidade, enfim, de nosso processo humanizador. No meio, estão contidas as formas das condutas humanas superiores ideais e finais (ou terminais) que podem ser desenvolvidas em cada um de nós: ideais, porque constituem-se como modelos desejados de conduta superior a ser aprendida, e finais

(ou terminais) porque representam aquilo que se almeja alcançar ao final do processo de nosso desenvolvimento, como superação das formas primárias ou iniciais que apresentamos nos primórdios de nosso desenvolvimento (VIGOTSKI, 2018).

Tendo isso em conta, podemos nos questionar sobre quais seriam as formas ideais/terminais essenciais para a formação das crianças, quando lidamos com o ensino de língua materna. O que é essencial na aprendizagem da leitura? O que é essencial na aprendizagem da escrita? Em outros termos, o que é fundamental e imprescindível aprender nessas duas áreas de modo a promover o processo de humanização das crianças?

A reflexão sobre essas questões leva-nos diretamente à definição do objeto de ensino e de aprendizagem da língua materna na escola tanto para a leitura, como para a escrita: o enunciado.

É pelos enunciados, concretizados nos diferentes gêneros discursivos, que interagimos com outros sujeitos, trocando ideias, informações, sentimentos, percepções, enfim, estabelecendo relações vitais próprias da dinâmica das ações sociais que permeiam nossa existência.

Então, saber ler e escrever os diferentes gêneros discursivos é saber dominar as formas ideias/finais (terminais) da linguagem que nos torna sujeitos capazes de ler e compreender o mundo em que vivemos e de agir dentro dele, ou seja, é nos humanizarmos.

Entretanto, “se no meio não existe a forma ideal correspondente e se o desenvolvimento da criança, por força de quaisquer circunstâncias, transcorre [...] fora da relação com a forma final, então a forma correspondente não irá se desenvolver por completo na criança” (VIGOTSKI, 2018, p. 87).

Desde o ingresso das crianças na Educação Infantil, é imprescindível, então, que a instituição educativa atue para preencher o seu universo vivencial com audição de leituras literárias, músicas, poemas e toda sorte de brincadeiras que envolvam a utilização do padrão

NO PLANO DA PRODUÇÃO ESCRITA, O TRABALHO COM ENUNCIADOS IMPLICA A PRODUÇÃO DE SENTIDO PARA O OUTRO

culto da língua materna, bem como manipulação de material escrito de modo a introduzi-las ao mundo da linguagem verbal que será mais tarde objeto de seus estudos. Quanto mais rico esse envolvimento das crianças com as variadas produções culturais materializadas em diferentes gêneros discursivos apropriados a seus interesses e suas necessidades, tanto maiores serão suas chances de dominar a língua materna como um instrumento de compreensão de sua realidade e de atuação consciente em seu meio.

O processo de alfabetização e todo o trabalho com a língua materna que se faz após esse momento inicial de aprendizagem da leitura e da escrita, quando levam em consideração o enunciado como objeto a ser dominado pelos alunos, realizam um duplo movimento, como veremos a seguir.

Em se tratando da leitura, a atividade de professores e alunos concentra-se no desenvolvimento da compreensão dos signos expressos pelo enunciado – fruto de um diálogo estabelecido entre o sujeito que o escreveu e o leitor que o recebe e a ele responde ativamente compreendendo sua mensagem e seus propósitos – e não no reconhecimento e decodificação de sinais formais restritos ao domínio do sistema da língua, que levam a criança a tão somente identificar formas linguísticas previamente memorizadas e a transformá-las em palavras que sucessivamente vão sendo traduzidas sem formarem um sentido unitário para o objeto da leitura. Neste último caso, a criança utiliza, prioritariamente, suas capacidades perceptivas e de memória, pois precisa estar atenta às formas que deve identificar e reproduzir, diferentemente do que faz quando está diante da situação que requer que ela estabeleça uma compreensão para um enunciado objeto de sua leitura, que envolve condutas analíticas, reflexivas e de elaboração mental de nível mais elevado, pois vai além do reconhecimento e da identificação de elementos do sistema formal da língua; atinge as complexas relações entre o texto, o autor e o leitor.

No plano da produção escrita, o trabalho com enunciados implica a produção de sentido para o outro e um leitor a quem se destina o produto que daí decorre, e, com isso, conduz o aluno a entrar no circuito dialógico que congrega sujeitos sociais que compõem os diferentes discursos em uma determinada comunidade linguística.

Isso pode ser concretizado por meio de projetos de leitura e escrita de enunciados com função social, prevendo a destinação dos enunciados produzidos a leitores

previamente pensados, tendo como referências o conteúdo do enunciado, o gênero selecionado, as intenções, as características do destinatário (crianças, adultos, conhecidos, desconhecidos, etc.), as finalidades estabelecidas e outros condicionantes do discurso que possam ser considerados.

Eis aí um trabalho que respeita a linguagem que está concretizada nos textos que lemos e que constituímos ao escrever enunciados. Eis aí um trabalho que humaniza nossas crianças!

“ [...] HUMANIZAMOS-NOS À MEDIDA QUE NOS EDUCAMOS TENDO EM VISTA A QUANTIDADE E A QUALIDADE DOS RECURSOS MATERIAIS E DAS RELAÇÕES HUMANAS DISPONÍVEIS NO MEIO EM QUE ESSE PROCESSO DE EDUCAÇÃO ACONTECE. ”

“ É PELOS ENUNCIADOS, CONCRETIZADOS NOS DIFERENTES GÊNEROS DISCURSIVOS, QUE INTERAGIMOS COM OUTROS SUJEITOS, TROCANDO IDEIAS, INFORMAÇÕES, SENTIMENTOS, PERCEPÇÕES, ENFIM, ESTABELECEMO RELAÇÕES VITAIS PRÓPRIAS DA DINÂMICA DAS AÇÕES SOCIAIS QUE PERMEIAM NOSSA EXISTÊNCIA. ”

REFERÊNCIA

VIGOTSKI, L. S. *Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedagogia*. Organização [e tradução] de Zoia Prestes, Elizabeth Tunes; tradução Claudia da Costa Guimarães Santana. 1. ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.

Este pequeno texto traz alguns trechos do artigo “A aprendizagem da leitura e da escrita de enunciados discursivos como um processo humanizador”, a ser publicado no próximo número da revista Educação em Análise (1º semestre/2020). Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/educanalise>.

EU FAÇO ASSIM

FUNÇÕES DO ESPAÇO BRANCO ENTRE AS PALAVRAS NA CONSTRUÇÃO DOS ENUNCIADOS ESCRITOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Por Márcia Martins de Oliveira Abreu

No processo de alfabetização, apropriação dos enunciados escritos, de seus sentidos e de seus sinais gráficos, deve acontecer concomitantemente e de forma contextualizada em gêneros. Apenas um trabalho pedagógico introduzido por meio do texto, concebido em sua totalidade, com toda sua estrutura gráfica e semântica, pleno de sentido, resulta na apropriação da linguagem escrita, de forma complexa e humanizadora.

A compreensão das funções do espaço em branco entre as palavras, linhas, parágrafos, início e final de períodos, após a vírgula e o ponto final, nos versos, na organização semiótica de uma página no papel ou na tela, entre tantas funções, apesar de ainda receber baixa atenção dos alfabetizadores, é fundamental para a construção do conceito de palavra, que é, neste depoimento que faço, o meu objeto de atenção. Somente quando a criança adquire a real consciência dos espaços em branco na escrita, ela é capaz de conceituar a palavra. A cultura escolar, entretanto, parte do princípio de que o conceito já está elaborado pela oralidade. E a distância entre o que afirma a professora e o que entende a criança é muito larga.

No diálogo com as crianças (é preciso sempre ouvi-las), o texto é introduzido por meio da prática de descoberta do texto, conforme ensina Bajard (2012), porque a compreensão da linguagem escrita se inicia pela interação com os gêneros escritos, portanto pelo ato de ler, em vez de se dar pelo ato de escrever, fundamentado, pela maioria de teóricos, nos elementos constitutivos da palavra oral. Todo o processo de reflexão se baseia em encontrar sentidos no texto: a criança aprende a fazer perguntas ao texto (em vez de sempre recebê-las prontas) e, por meio de sinais gráficos, com a ajuda do professor, encontrar possíveis respostas a suas perguntas. Uma das ações desenvolvidas, especificamente direcionada ao trabalho com as estruturas gráficas dos gêneros, após a observação em seu suporte original (isso não pode ser negligenciado), é a apresentação do texto de cópia ampliada, em papel, afixada na parede da sala, com a intenção de possibilitar que as crianças olhem, procurem, comparem, observem, reflitam e façam a marcação dos espaços em branco entre as palavras, além de marcarem

também a silhueta de palavras e de parágrafos, conforme o que se pretende destacar. Para Bajard (2007, p. 30),

[...] a língua escrita não é mera duplicação da língua oral: o texto sonoro não se reduz à concatenação dos fonemas, tampouco o texto gráfico não se reduz à concatenação das letras. A língua escrita possui, além dos grafemas, um código ideográfico, dentro do qual o espaçamento é o elemento mais relevante.

As diferentes atividades planejadas e realizadas para a identificação dos espaços solicitam a discussão sobre os sentidos das palavras encadeadas em enunciados constituintes do gênero escolhido e, em consequência, a reflexão sobre o conceito de palavra, seus caracteres constitutivos, entre eles o espaço, que também compõem a sua silhueta, sua fisionomia, sua identidade visual específica. Nada de som, nada de fonema entra em discussão.

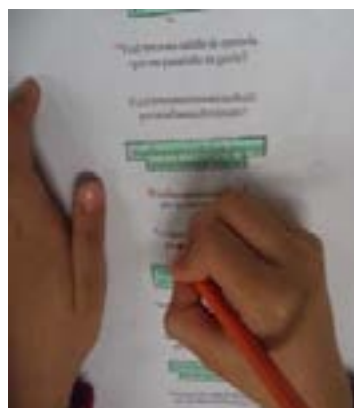
Antes de as crianças observarem e marcarem com cores os espaços (que, curiosamente, deixam de ser brancos), solicito que sejam observadas as teclas dos grafes existentes nos teclados dos computadores, especialmente a maior delas, dedicada ao espaço branco.

O computador foi usado na digitação de textos, de modo colaborativo, em dupla, e, no caso do gênero escolhido para a atividade abaixo demonstrada – o poema -, ele foi usado para a escrita de um dos versos, e para, conectado ao Datashow, projetar o texto na lousa branca. Além dessa atividade em dupla, foi feita a atividade individual de localizar na imagem impressa do teclado do computador, também afixado na parede ou na lousa, as teclas referentes às letras e a sinais gráficos correspondentes às minhas instruções, com cores diferentes, de acordo com suas funções: espaço, letras, números, pontos, acentos, comandos de tela, etc.



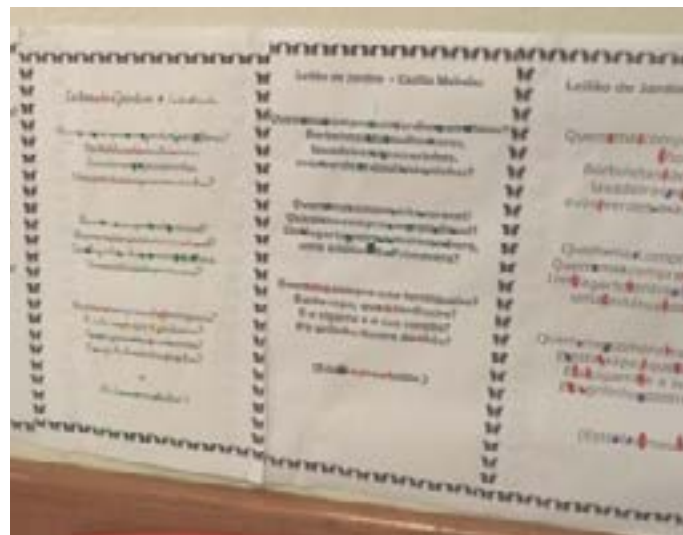


Depois dessas experiências com o teclado do computador e de discussão sobre as funções dos espaços entre as palavras, solicito às crianças que marquem esses espaços no texto afixado na lousa. A forma de marcação se diversifica de acordo com o gênero. O objetivo é compreender os espaços como pistas para a elaboração do conceito de palavra, da percepção da configuração gráfica global dos enunciados organizados em um gênero e para a compreensão do papel social da cultura escrita na formação intelectual do homem.



Essas atividades são feitas individualmente, em duplas ou trios. Outra importante atividade é a apresentação ampliada do mesmo texto em fontes diferentes (Times, Calibri, Arial) e formatação também diversa (itálico, negrito,

manuscrito) para que as crianças compreendam que, apesar de ter formas gráficas diferentes de acordo com a fonte, a letra é reconhecida pelo seu próprio nome, mas desempenha diferentes funções na formação das diferentes palavras, como definidoras e portadoras de sentido.



Nesse caso, também, as crianças localizam os espaços que separam as mesmas palavras, do mesmo texto, em qualquer uma das fontes, compreendendo que o sentido que o texto tem se conserva em todos eles.

Apesar de o destaque ter sido dado às funções do espaço branco, essa prática pedagógica ofereceu o poema à criança como uma das portas de entrada na cultura escrita já construída pelo homem e, por essa porta, ofereceu dados para que ela compreenda o que é a escrita, como se organiza e que função desempenha na vida humana. Mais do que se apropriar das formas gráficas da linguagem escrita, a criança se apropria do poema como criação humana, por cujas palavras, encadeadas em versos e estrofes, vazam os sentidos da vida.

REFERÊNCIAS

BAJARD Élie. *Da escuta de textos à leitura*. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. *A descoberta da língua escrita*. 1. ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

MURAL

ENVIE SUA CONTRIBUIÇÃO

A proposta do Boletim é receber artigos curtos que versem sobre alfabetização numa perspectiva humanizadora, em que a vida apareça nas práticas pedagógicas. Serão aceitos textos 2.300 e 2.400 caracteres (com espaços). O Boletim Alfabetização Humanizadora tem como objetivo a divulgação de reflexões teóricas e demonstrações de práticas que não utilizem manuais ou cartilhas com propostas voltadas à consciência fonológica, ao método fônico ou silábico. Para a discussão teórica o autor deve enviar seu texto para a seção De professor para professor e para apresentar uma prática humanizadora deve encaminhar o texto para a seção Eu faço assim. Com a intenção de manter o viés dinâmico do texto, não serão aceitas notas de rodapé. As referências bibliográficas, quando estritamente necessárias, devem aparecer no final do texto. O boletim recebe artigos em fluxo contínuo. Todos os textos são analisados por dois pareceristas do grupo editorial.

Os textos devem ser encaminhados para o e-mail: alfabetizacaohumanizadora@gmail.com

FIQUE POR DENTRO

ABREU, Márcia Martins de Oliveira. A criança e a apropriação da cultura escrita: uma possibilidade de alfabetização discursiva. 2019. 482 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

Link para o volume 1

<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/25067/1/CriancaApropriacaoCulturaV1.pdf>

Link para o volume 2

<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/25067/2/CriancaApropriacaoCulturaV2.pdf>

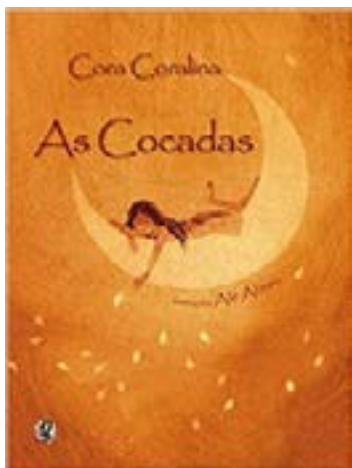
DIÁLOGO COM OS LEITORES

Este é o número inaugural do Boletim Alfabetização Humanizadora. Nossa intenção também é ouvir e conhecer nossos colegas, profissionais da educação que se preocupam com a humanização das crianças. Envie-nos seu comentário, suas reflexões e suas críticas a partir dos conteúdos aqui divulgados.

E-mail: alfabetizacaohumanizadora@gmail.com

LITERATURA NA RODA

Que criança não gosta de doce?
Quem negaria doce a uma criança quando o tem em fartura?
Partindo de um fato corriqueiro, o conto As cocadas, de Cora Coralina, mexe com o imaginário da criança, cria expectativas e lapida as emoções.



COMPARTILHANDO IDEIAS

Como organizar o trabalho em tempos de pandemia? Da mesma forma que sempre o organizamos! Se você é um professor que trabalha com fichas xerocopiadas, você enviará para a casa das crianças essas mesmas fichas para serem preenchidas. Caso prepare suas aulas com a preocupação de que o conteúdo a ser ensinado faça sentido para a vida da criança você continuará propondo atividades desafiadoras, assim como a professora Marcia Martins de Oliveira Abreu faz na cidade de Uberlândia-MG. Ela preparou para cada aluno a Sacola da Criatividade! Nelas foram colocados diversos materiais numa sacola: retalhos de tecidos, fitas, botões, papel, giz de cera, tampinhas de garrafas, jornais, revistas e HQs usadas, canudinhos, retalhos de EVA, palitos de picolé. A arte tem sido uma ótima companhia durante a pandemia. Certamente nos lembraremos mais dela quando tudo isso passar!

EXPEDIENTE

Boletim

Fundação: 2020

Fundadores e responsáveis: Stela Miller, Elianeth Dias Kanthack Hernandez e Dagoberto Buim Arena

Projeto gráfico e diagramação: Salu Santos

Revisores: Boletim N.1 Nov./Dez./2020:

Adriana Pastorello Buim Arena e Dagoberto Buim Arena.

Colaboradores: Adriana Pastorello Buim Arena, Érika Christina Kohle, Sônia de Oliveira Santos e Vanilda Gonçalves de Lima.

Circulação: Bimestral

Atendimento ao leitor:

alfabetizacaohumanizadora@gmail.com

Todos os textos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo ou imagens aos responsáveis por este boletim. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.